

SOBRE LUTAS, BRAUDEL, MARX E AS CRISES CAPITALISTAS

Fábio José Cavalcanti de Queiroz ¹

RESUMO

O presente artigo analisa o tema das crises capitalistas tomando por parâmetros os estudos e conclusões levados a cabo por Karl Marx e Fernand Braudel. Trata-se de entender a crise atual do capitalismo, que se manifestou em 2007 e continuou nos anos subsequentes, e cuja última fase tem sido marcada pelos planos de austeridade da burguesia e do imperialismo e a intervenção do proletariado europeu combinada com a revolução árabe. Quer dizer: pretende-se aqui recuperar aspectos da intervenção política e intelectual de Marx e Braudel que auxiliem no entendimento da crise atual e dos seus desdobramentos.

Palavras-chave: Braudel; Marx; Crise.

ON STRUGGLES, BRAUDEL, MARX AND THE CAPITALISTIC CRISES

ABSTRACT

This article examines the theme of capitalist crises taking as parameters the studies and findings carried out by Karl Marx and Fernand Braudel. It is to understand the current crisis of capitalism, which manifested itself in 2007 and continued in subsequent years, and whose last phase has been marked by the austerity plans of the bourgeoisie and imperialism and the intervention of the European proletariat combined with the Arab revolution. I mean, here we intend to recover aspects of political and intellectual intervention of Marx and Braudel to assist in understanding the current crisis and of its consequences.

Keywords: Braudel; Marx; Crisis

Introdução

De modo geral, o colossal desenvolvimento da crise econômica capitalista, que vem se estendendo desde 2007, colocou-nos diante de um traço característico e fundamental deste modo de produção que, observe-se, antes de mais nada, não constitui uma temática que, necessariamente, seja inédita.

Esse processo, estudado historicamente por diversos autores, recebeu uma atenção em grau extremamente amplo por parte de dois deles: Braudel e Marx.

¹ Doutor em Sociologia. Professor do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: fabiojosepstu@ig.com.br

É de pouco interesse para os fins desse trabalho enumerar e elucidar as diferenciações que marcaram a trajetória da Escola dos Annales, de onde deriva primordialmente o historiador Fernand Braudel, e o marxismo.

Em compensação, é um dos capítulos mais eloqüentes da Escola dos Annales a aceitação de aspectos importantes do pensamento de Marx por parte de membros os mais respeitados dessa tendência, dentre os quais Marc Bloch, L. Febvre e F. Braudel. No caso deste último, percebe-se que a via conceitual da sua leitura das crises do capitalismo é fornecida pelo caráter cíclico destas, alguma coisa que não é, por exemplo, necessário repisar como relacionada com o ponto de vista do revolucionário alemão.

Cabe aqui acentuar que, mais do que qualquer outro, o objetivo desse artigo é recuperar aspectos da intervenção política e intelectual de Marx e Braudel que auxiliem no entendimento da crise atual. No sentido mais amplo: trata-se, por motivos de conveniência, de trazer a lume os pontos de vista dos dois autores mencionados sobre a significação das crises econômicas capitalistas; além disso, de como a visão de cada um deles pode fornecer pistas para compreensão da atual crise econômica e dos seus desdobramentos, designadamente dos conflitos sociais que vêm se formando como partes constitutivas de um só e mesmo processo: a crise do capital.

Cinco observações de um historiador

Fernand Braudel morreu há aproximadamente um quarto de século. Historiador francês e membro da Escola dos Annales (agrupamento de historiadores franceses), de feito, legou à humanidade uma vasta e importante obra. Em que pese uma visão um tanto difusa do capitalismo, deixou-nos, contudo, alguns clarões que, ainda hoje, podem iluminar certas questões que dizem respeito ao modo de produção mencionado. Um desses clarões se refere especificamente à temática das crises capitalistas. É possível se estabelecer um elo apropriado entre algumas observações de Braudel acerca do tema e a crise que, em linhas gerais, tem açoitado esse regime social, pelo menos nos últimos três anos.

Não se deve esquecer que antes da eclosão da atual crise, cujos primeiros sintomas se revelaram já no segundo semestre de 2007, nenhum economista a soldo do capital aceitaria que, por exemplo, se questionasse a “saúde” da Irlanda. Inversamente, esse país era considerado um protótipo de economia bem sucedida. Fala-se aqui de Irlanda, mas se poderia falar também de Portugal, Espanha e Grécia e agregar depois um longo e dramático etcétera.

Mas isso não parece uma grande novidade. Sob essa ótica, quem, na América Latina, não lembra que México e Argentina foram considerados – nos anos 1990 – modelos adequados que deveriam ser seguidos por cada um dos seus vizinhos da região? A crise os arrastou pela gola e contra eles foram desferidos golpes sem misericórdia. Daqui resulta um primeiro vôo sobre a obra de Braudel. Num pulo rápido, pode-se examinar a primeira observação do historiador francês:

Quando a maré é montante, todos os países são servidos. Com o refluxo, há o corre-corre geral, os fortes se abrigam por trás dos mais fracos, exploram-nos, empurram-nos delicadamente para as águas perigosas. (BRAUDEL, 1992, p. 333/334)

Ora, o que estamos assistindo no momento? Os fortes não se abrigam por trás dos mais fracos? Não os empurram para as águas perigosas? A quem beneficia a política de desvalorização do dólar? Não são exatamente os mais fortes que se protegem e empurram os mais fracos? Não são precisamente os Estados Unidos os principais favorecidos?

Obviamente, que a ligeira recuperação de 2009, uma recuperação anêmica, permitiu aos ideólogos do capital a deslanchar uma campanha cujo desenho panorâmico se expressou num singelo bordão: “o pior já passou”. Mas qualquer que fossem as vantagens que essa campanha garantisse, era limitado o seu alcance. Nesse caso, a certeza retumbante não demorou a cair do cavalo. Há algo de paradoxal entre o otimismo exalado pela campanha publicitária e a desconfiança aguda de que países como Irlanda (onde quase 60% da população defendem a moratória), Portugal, Espanha e Grécia não “honrem” os compromissos com as suas respectivas dívidas.

Ainda assim, há lugares em que o capitalismo não apenas cresce, mas apresenta um crescimento manifestamente robusto (China, Índia, etc.) ou com mediações (Rússia e Brasil). Os dados parciais de 2010 sinalizam nessa direção, apesar da rápida aceleração inflacionária que paira sobre a cabeça dos membros do BRIC. Apesar dessa objeção, uma questão se impõe: há uma parcela da economia cujo desempenho se enquadra em uma zona de ganhos.

Não é um caso surpreendente. O Brasil saiu da crise de 1929 antes dos EUA e da Europa. A URSS – uma economia de transição e planificada – cresceu nos anos 1930 enquanto a economia do mundo retrocedia brutalmente (um caso singular que, por falta de tempo e espaço, não cabe examinar aqui). Considerando períodos anteriores, não será difícil detectar situações em que casos determinados fogem à regra. Braudel recorda o caso da Holanda na transição do feudalismo para o capitalismo: “Já no século XVII, a Holanda

esteve abrigada, enquanto a recessão percorria a Europa. Hoje, quem desempenha o papel da Holanda em seu já remoto Século de Ouro?" (BRAUDEL, 1992, p. 334)

Essa segunda observação braudeliana lembra aos mais incautos de que a dinâmica de qualquer crise não é linear e mecânica, mesmo tomando por referência situações históricas que precedem ao processo de emergência do modo de produção capitalista como sistema dominante. Hoje mesmo, há de se recordar que a Alemanha apresentou em 2010 um crescimento econômico que é o maior desde a reunificação de 1990.

Mais do que isso, o que se discutiu nos últimos parágrafos inclina o estudioso da conjuntura a aceitação de que “a crise pode conhecer tréguas, patamares, pausas, ou mesmo, alguns dias de bonança...” (p. 331). Essa terceira observação de Fernand Braudel, decerto, tem sido brilhantemente confirmada pela nova crise do capitalismo. A trégua que começou em 2009 refugou no ano seguinte. Pior: o furacão alcançou o berço desse regime social: a Europa.

Alguns dias de bonança acontecem e se mostram aos olhos de quem não se recusa a enxergar as pausas que surgem, ainda que somente como quem preparasse o instante seguinte de um novo patamar da velha crise. A definição não tem exagero. O resultado desse entendimento é inestimável: a crise que se estende por mais de 1.000 dias assume um caráter inerentemente orgânico. É certo que se desejava uma chuva de verão (“uma marolinha”), mas o inverno do capital se prolonga além do estimado.

Não se deve, todavia, ignorar que o velho Braudel confere às estruturas, ainda que pareçam carcomidas, um peso quase insuperável. A crise é estrutural e nesse enfoque parece praticamente invencível. Compreende-se, assim, porque ele não considera que sejam “os governos constituídos que governam, mas a crise, força enorme, monstro, gigante da história, fatalidade de grande fôlego” (p. 331). Na versão braudeliana da crise, os sujeitos e as instituições políticas quase somem como personagens e instâncias de um mundo liliputiano. Tal observação – a quarta - carece de ser repensada.

Há de se dimensionar que, embora agindo tardiamente, os governos conseguiram tirar o capitalismo da crise que se abriu com o crack de 1929. Convém ainda lembrar o papel cumprido pela Segunda Guerra para formulação de uma saída para superação da triste paisagem depressiva. Novamente, e agora de forma mais rápida, eles atuaram e procuraram atenuar ou vencer a crise. Foram injetados na economia mundial aproximadamente 25 trilhões de dólares. A finalidade não era outra senão a de salvaguardar a ordem do capital. Com efeito, não conseguiram vencer o longo inverno, mas apenas o

atenuaram. A crise é um monstro de grande fôlego, mas não é inquebrantável. É por isso que não se deve negligenciar a capacidade do capital e dos seus governos em lidar com os seus efeitos. Quantas delas não surgiram e desaparecem ao longo da história?

O segredo interno, para usar uma expressão cara ao velho Marx, em última análise, estaria na luta de classes. Explica-se: a solução das crises não é um problema simplesmente econômico, mas se resolve no campo da luta de classes. As decisões políticas, por seu turno, são partes inseparáveis da luta de classes.

Sob essa perspectiva, o historiador da segunda geração dos Annales, arremata uma quinta observação: “a luta de classes pode se atenuar, mas é o fogo debaixo da cinza, nunca extinto” (p. 344). Isso é dito antes que alguém apressado pergunte: cadê as greves gerais da Grécia? As coisas não se acalmaram em França e Espanha? E a Irlanda não se recupera? Veja-se: o ano de 2010 marcou a sua presença através de greves e mobilizações multitudinárias que varreram o velho mundo. Por que em 2011 as coisas se acalmariam? A aparente calma é o fogo debaixo da cinza, nunca extinto. Por baixo da cinza, há uma camada mais profunda. Os próximos acontecimentos poderão ou não ratificar essa hipótese.

Há de se admitir que a luta de classes não seja feita de certezas que garantam que o desfecho será assim ou assado. Não, a luta é uma trama aberta, embora essa trama já tenha indicado tendências que assustam o capital e acende uma luz de esperança para aqueles que, mais do que nunca, nada têm a perder, mas um mundo a ganhar. O essencial ainda se desenrolará, mas uma coisa, desde já, precisa ser destacada: a classe operária entrou em cena e isso conta na definição dos próximos capítulos.

Marx e as crises capitalistas

A questão que está hoje colocada diz respeito a um ponto-chave: aonde vai a crise? Essa indagação tem desdobramentos: terá ela alcançado o limiar da sua derradeira gare? Seguirá caminhando indefinidamente?

Mas convém, a nosso ver, ir mais longe: é possível assistir ao enterro do regime do capital sob o prisma da crise?

Seja dito de passagem que, em seus termos gerais, retomaremos, sob formas diferentes, aspectos do problema que foram abordados na seção dedicada a Braudel. Não se trata de uma repetição cega e desnecessária.

Queremos somente retomar a essência dos postulados que, até agora, sustentamos.

Vejamos isso.

É impossível negar: a crise que vem se estendendo há mais de três anos é a maior desde a de 1929. Diferentemente da sua antecessora, esta, contudo, encontrou os capitalistas e os seus governos mais preparados para levar a cabo um enfrentamento dos seus efeitos mais severos. Os trilhões injetados na economia ajudaram a salvar fábricas e bancos e os governos – mais do que nunca – atuaram como birôs para gerir os negócios da burguesia.

Nesta altura, todavia, saltam aos olhos números dando conta de que a economia se recupera em algumas partes, ainda que siga envolta em contradições quase insolúveis em outras partes do sistema. Deste ângulo, permanece atual o entendimento de Marx de que o capitalismo não cairá de maduro ou em decorrência das suas crises de superprodução. Nenhum modo de produção desaparece sem não antes imprimir uma resistência demasiado ampla às forças que pretendem ultrapassá-lo.

Para tanto, reconhecer a amplitude e profundidade da crise econômica não tem o mesmo sentido de esperar que o capitalismo tombe e pereça de um mal súbito, ainda que seja um mal cíclico. Quer dizer: não significa de modo algum que uma crise cíclica, de superprodução, reforçada por uma débâcle financeira, provoque a morte do capitalismo mundial, ainda que existam fumaça e barulho nas ruas, resultantes do agravamento das taxas de exploração.

Há mais de 150 anos, Marx e Engels já registravam o estampido das crises capitalistas. Registravam e explicavam:

As relações burguesas de produção e de troca, o regime burguês de propriedade, a sociedade burguesa moderna, que conjurou gigantescos meios de produção e de troca, assemelha-se ao feiticeiro que já não pode controlar as potências internas que pôs em movimento com suas palavras mágicas. Há dezenas de anos, a história da indústria e do comércio não é senão a história da revolta das forças produtivas modernas contra as modernas relações de produção e de propriedade que condicionam a existência da burguesia e seu domínio. Basta mencionar as crises comerciais que, repetindo-se periodicamente, ameaçam cada vez mais a existência da sociedade burguesa (MARX; ENGELS, s/d: 26).

Dessa exposição sucinta e instigante, retiraremos dois aspectos que conformam a análise global: primeiro, as crises acompanham o capitalismo² desde os seus primeiros momentos; segundo, elas ameaçam a existência da sociedade burguesa, mas do mesmo modo que a ameaça do fim de um casamento ainda não é o fim do casamento, uma ameaça à existência da organização social capitalista ainda não é o seu derradeiro suspiro. Em suma: as contradições entre as forças produtivas e as relações de produção não engendram inexoravelmente o fim do capitalismo e o estabelecimento do socialismo, ainda que elas constituam a condição histórica essencial para que a revolução execute “metodicamente a sua tarefa”.

Depois do manifesto comunista, ver-se-á em incontáveis obras de Karl Marx o espectro das crises econômicas acompanhada de um esforço de compreensão do seu devir por parte do velho mouro. A questão que aflora, então, é: em que consiste essa compreensão?

Ora, o capitalista é exatamente um capitalista porque se apropria de dinheiro, de valor, de riqueza abstrata em um processo constante de reprodução em que dinheiro vira mais dinheiro etc. E a crise, o que é, afinal, a crise? Para Marx “é precisamente a fase de distúrbio e interrupção do processo de reprodução” (2009:36/37). Então, se a lógica do capitalismo tem a ver com a reprodução de valor e essa, a cada nova crise, sofre uma interrupção, entende-se por que as crises cíclicas representam uma ameaça à sociedade capitalista.

A crise iniciada em 2007, representou uma nova ameaça à sociedade burguesa, mas essa tem conseguido contorná-la, como contornou tantas outras, demonstrando, uma vez mais, que as crises, por mais poderosas que se apresentem por meio de exércitos que repousam sobre um alto grau de destruição das forças produtivas, não constituem uma força suficiente para derrocada do capital.

Do parágrafo anterior decorrem dois problemas. Primeiro: o que explica a profundidade das crises? Segundo, por que crises tão colossais, forçosamente, não produzem a superação do antigo estado de coisas?

Prendendo-se ao primeiro ponto, Marx escreveu que “As crises comerciais mundiais devem ser consideradas como a concentração real e a acomodação forçada de todas as contradições da economia burguesa (2009:44). E somente nestes termos, é possível estender o estrago provocado por crises dessa magnitude. Fixemos o nosso olhar para a sua manifestação

² Dizer que as crises acompanham o capitalismo não é o mesmo que negar a existência de crises em modos de produção anteriores. Acontecem que as crises dos modos de produção pré-capitalistas eram essencialmente de subprodução, enquanto que no sistema capitalista eram são fundamentalmente de superprodução. Esse detalhe não deve escapar a uma análise atenta das peculiaridades e da natureza das crises em diferentes momentos da história dos modos de produção.

mais recente. A onda de quebras, as frenéticas ações governamentais e o incremento exasperante do desemprego (GM nos EUA, Embraer no Brasil – para ficarmos em dois exemplos) só podem ser entendidos como resultantes da “concentração” e “acomodação” de todas as contradições da economia burguesa em um determinado momento do seu decurso histórico. Eis, portanto, o que explica a profundidade dos crashes. Eles não são obras do azar, como insistiu Marx em suas polêmicas com os economistas burgueses, mas, em última análise, decorrem da contraditoriedade real encerrada na estrutura e dinâmica de um regime societário fundado na reprodução de dinheiro, valor e riqueza abstrata. Assim, “ a crise é o estabelecimento forçado de unidade entre elementos que se tornaram independentes e a separação forçada de um ou outro de elementos que são essencialmente um só”. (MARX, 2009, p. 49).

Karl Marx refere-se às relações entre as fases de produção e circulação, e ao contrário dos economistas burgueses, ele destaca não a inelutável unidade entre elas, mas traz ao primeiro plano a dialética entre a fase de produção e a de circulação, sublinhando não apenas o seu caráter unitário, mas, concomitantemente, o momento da sua separação violenta.

A crise é exatamente essa separação violenta e é essa violência a força explicativa da natureza agressiva das crises econômicas da ordem social capitalista. O período transcrito, entre 2007 e 2011, mostra-se, efetivamente, unido por essa separação violenta agravada por um crash financeiro que exigiu uma drenagem inédita de recursos públicos para salvação de bancos que, até então, exibiam o brilho e a pujança de sólidos resistentes.

Assim compreendida, há de se apresentar e de se compreender o grau de profundidade da crise aberta em 2007. Almeida Neto (2009) a define como alguma coisa a mais do que uma simples crise cíclica. Para ele houve uma combinação de crise cíclica com uma descomunal crise financeira, “abrindo um período recessivo maior na economia” (p. 98). A sua conclusão, correlativamente a essa problemática, malgrado o otimismo da propaganda oficial, é contundente:

A recuperação atual, parcial e conjuntural, alardeada como o sinal do fim da crise, não reverte este quadro recessivo. Estamos perante uma recuperação parcial, parte de uma tendência global recessiva, que pode levar a duas hipóteses bem diferentes:

- uma série de recuperações frágeis e outras graves crises posteriores;
 - uma depressão como a de 1929 (ou ainda mais grave)
- (ALMEIDA NETO, 2009, p.98).

Como se sabe, a realidade, nesta nova fase da crise, tem a face frontal da primeira hipótese. Anunciada, não sem celeuma, a segunda hipótese, por enquanto, parece evidentemente descartada.

Mas não se pode subestimar a propaganda, o engodo e a força ideológica da burguesia. Em um formato muito simples, dir-se-ia que, num primeiro momento, ela negou que um novo ciclo crítico houvesse se estabelecido. A convivência tensa com um fenômeno que só se agigantava permitiu que se abrissem algumas trilhas no cérebro dos burgueses e economistas mais lúcidos. Disso decorreu a aceitação, da parte deles, do período de refluxo econômico que se impunha e do qual não se pode resumir em uma frase.

Com sinal trocado, passaram não tão-só a reconhecer o tsunami que carregava o que encontrasse pela frente, mas passaram a evocar e mobilizar estratégias, forças e recursos capazes de contê-lo. Em seguida, notamo-lo, que com a recuperação parcial dos dados gerais da economia, imprimiram uma campanha ideológica em que o peso dos interesses particulares assumiu a face dos interesses gerais da sociedade. Esse ainda é o momento em que nos encontramos.

Em todos os casos, as classes dominantes já não podem esconder de maneira absoluta as erosões que, volta e meia, dilaceram a economia capitalista. À época de Marx, como ele mesmo enfatizou em mais de uma ocasião, os dominadores e os seus ideólogos procuraram reiteradamente camuflar o contraditório entrelaçamento entre produção e circulação e, nessa toada, afirmar a unidade absoluta entre esses dois momentos da organização capitalista. Contestando o otimismo panglossiano dos apologistas do capital, o autor de O capital sentenciará:

As frases apologéticas usadas para negar as crises são importantes na medida em que elas sempre povoam o oposto do que pretendem. Para negar as crises, elas afirmam a unidade onde há conflito e contradição. Elas são importantes, portanto, na medida em que se pode dizer que elas provam que não haverá crises se as contradições que elas apagaram em sua imaginação não existissem de fato. Mas na realidade as crises existem porque essas contradições existem (MARX, 2009, p.55).

Esse é o aspecto definidor do fenômeno: a existência de conflito e contradição onde os autores das “frases apologéticas” imaginam existirem unicamente signos de uma unidade não apenas desejada, mas suprema e inquestionável. Ainda assim, não custa rememorar que o conflito e a contradição nem sempre ocorrem com igual intensidade. Por isso, as erupções críticas que acontecem a cada cinco ou seis anos se distinguem por graus de

amplitude e profundidade que, em geral, não se equivalem. Apesar das aparências em contrário, cada refluxo contém a sua própria dose de veneno.

Doutro lado, a crise nunca existe em estado puro. Ela apresenta combinações as mais variadas dependendo de cada contexto. A sua configuração em 2000/2001 mostrou-se distinta daquilo que observamos no atual quadro de regressão econômica. Não é por isso inteiramente certo querer explicar uma crise unicamente à luz da outra. Uma ajuda a entender a outra, mas não a explica inteiramente. A análise concreta da situação concreta segue como a regra de ouro de qualquer autor escolado no marxismo.

Quanto à segunda questão - por que crises tão colossais, forçosamente, não produzem a superação do antigo estado de coisas? - guardamo-nos um pouco antes de devotar a ela a nossa devida atenção.

É preciso prestar bem atenção a como a burguesia trabalha o problema das crises. Como se vê: ela o trabalha politicamente. Ao mesmo tempo em que procura rolar o peso da crise para os ombros dos agentes mais débeis da ordem do capital, tanto internamente quanto no plano internacional, não se furta em reforçar a exploração que cotidianamente sobrepõe ao proletariado. Exige, finalmente, que os governos de plantão se esforcem em conter essa descida que a tudo arrasta no marco daquilo que Marx, ironicamente, nomeou de políticas da “Arca de Noé”. Neste passo, a classe burguesa não se furta em aprender com as novas crises. Estuda as diferentes combinações e, partindo das suas conexões cruciais, procura as soluções para o que antes parecia irredutível à racionalidade do capital.

A prevalência incontestável de crises cada vez mais agudas encontra contra-tendências em uma classe que aprende com os seus erros e as suas dificuldades. Uma vez definido esse aspecto do problema, surge, então, a sua contra-face: o comportamento do proletariado.

Um monumental prosador russo, certa vez, escreveu: “Todo mundo se defende, todo mundo ganha” (GÓGOL, 1972: 288). Ele pensava no funcionalismo do Estado czarista no decurso do século XIX. Nós pensamos nas classes sociais do capitalismo ainda no limiar do século XXI. Desse ponto de vista, em uma crise todo mundo se defende, mas nem todo mundo ganha. A experiência tem demonstrado que quem mais perde é a classe operária (e as camadas populares que se aproximam do proletariado devido às suas precárias condições de vida).

A classe operária sofre no começo da crise, pois com a queda dos investimentos na produção, o emprego do operariado é o primeiro a ser comprometido; no auge da crise, os trabalhadores fabris são jogados ao desespero em meio ao fechamento de empresas; no instante da recuperação

também são atingidos como resultado de uma retomada econômica que supõe o aumento agudo da exploração da força de trabalho. Veja-se o caso brasileiro: a recuperação da economia se realizou sob a órbita de um grau inaudito de exploração dos trabalhadores. As rebeliões de operários da construção civil – sobretudo dos que trabalham nas obras do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) – são uma resposta à política do governo e dos patrões de agravar as condições de venda da força de trabalho.³

Um quadro histórico retrospectivo, porém, nos revelará que em tais situações é comum acontecer levantes operários e populares, tanto em relação à defesa do emprego, num primeiro momento, quanto relativamente às condições de trabalho degradantes no momento de retomar aquilo que fora interrompido pela erupção da crise.

O *crash* de 1929 abriu as comportas para explosões sociais e políticas nos quatro cantos do mundo. Existiram mudanças de governo e regime político em diversas partes do planeta. Hobsbawm (1995), em *A era dos extremos*, chamou a atenção para o número de mudanças políticas que se deu na América Latina depois do cismo econômico. Mais recentemente, o terremoto econômico-financeiro do começo do presente século produziu alterações no tabuleiro político latino-americano com a eleição de governos que as massas julgavam como seus governos.

Portanto, não há nada de extraordinário ou errático em supor a existência de nexos entre as crises e as explosões operário-populares, e mesmo em relação às mudanças políticas. Erra-se, todavia, ao se supor mecanicamente que as crises, forçosamente, geram revoluções. As crises tendem a criar situações socialmente explosivas. Isso não é uma casualidade. Mas há outro detalhe tão ou mais importante que este. Nenhuma crise é uma garantia de êxito para os revolucionários. Todas as classes aprendem com as crises. É como se os múltiplos aprendizados das classes anulassem uns aos outros e aos se anularem não causassem as transformações que, mecanicamente, se poderia julgar como redutível ao próprio devir da crise.

Marx advertiu que as “ideias dominantes de cada época são as ideias da classe dominante” e, conseqüentemente, nesse jogo de soma nula, em que todas as classes aprendem com as crises, a tendência é que o modo de produção dominante não apenas seja mantido, mas, do mesmo modo, volte o mais brevemente à ofensiva contra o nível de vida do proletariado.

³ As revoltas operárias em diferentes pontos do Brasil (Pernambuco, Rondônia, Ceará etc.) explodiram no início de 2011 e, em geral, elas procuravam (e procuram) responder a uma situação de recrudescimento da precarização e superexploração que atinge milhares de trabalhadores e cuja imagem parece um regresso às condições que marcaram o início da Revolução Industrial.

É neste sentido que convém retomar o significado mais profundo das greves gerais e demais formas de luta protagonizadas pelo proletariado europeu. No rastro de cada crise, e Marx acompanhou experiências com esse caráter, ainda no século XIX, aguçam-se os conflitos entre os senhores do lucro e os assalariados. É do resultado desses embates que, em última análise, dependerá o desenvolvimento da chamada “economia pura”. Suponhamos, com efeito, que a última palavra está com a velha toupeira, com a luta de classes que pode ou não lançar-se em uma revolução.

O aprendizado superior da classe operária se faz na luta de classes. Não a luta no limite de uma fábrica ou de uma categoria profissional. O aprendizado superior se faz por intermédio de um enfrentamento, no mínimo, de expressão nacional, dando a este uma configuração de confronto político de classe contra classe. Esse é o momento decisivo e condição sine qua non para que os explorados se organizem ao redor da antiga divisa do Manifesto Comunista: “Proletários de todos os países, uni-vos!”.

Para Marx, diversamente de Braudel, sem uma revolução social vitoriosa, algo que exige o amadurecimento político-organizativo do proletariado, a ordem do capital seguirá dominante; não obstante as crises que vêm e vão e que vão e vêm como ponteiros de um relógio que teimam em sair de um determinado ponto apenas para a ele retornar tão logo ele retome o mesmo e insípido itinerário.

Na cauda da crise: greves, motins e revoluções

Quando estamos a concluir esse artigo, a Revolução Árabe⁴ ainda não deu a sua última palavra. A propósito, é significativo que ela tenha alçado vôo precisamente na cauda dos acontecimentos relacionados com a última crise capitalista. Sob esta ótica, as explosões sociais com um desenho panorâmico mais agudo ocorrem nos elos mais débeis da economia capitalista. Num pulo rápido, no entanto, vemos que o essencial não se desenrola somente nessas porções do planeta. Diferentemente do norte da África e do leste da Ásia, em que o território árido semi-árido nada esconde e tudo revela, vista à distância, a situação da Europa se assemelha a um jardim verde cuja folhagem oculta o cuidadoso trabalho da toupeira. Já nos EUA, os informes oscilam entre números que animam e outros que acendem um olhar de cautela.

⁴ O que estamos nomeando de “Revolução Árabe” é o processo de mobilização permanente que começou no norte da África, precisamente na Tunísia, em janeiro de 2011, estendendo-se pelos países vizinhos e provocando a erosão política de ditaduras – como a do Egito - que governavam os países da região e do Oriente Médio há muitos anos, e alguns casos, há muitas décadas.

É com bases nessas observações que deveremos estar atentos para acompanhar o meticuloso movimento da história. Essa não deu ainda a sua última palavra. Ela se move arisca como uma raposa que evita com a sua astúcia produzir algum barulho entre os gravetos. Com essa compreensão é que evocamos Braudel e Marx. Não para “parodiar o passado”, mas para “engrandecer na imaginação a tarefa a cumprir”; *não para fazer os seus espectros caminhar, mas sim encontrar novamente o espírito da revolução.*

Fernand Braudel ajuda-nos a compreender o centro de gravidade das crises capitalistas, bem como as suas nuances, dentre elas as determinações classistas e o papel desempenhado pela luta de classes; Marx nos lembra que não é possível assistir ao enterro do regime do capital sob o prisma da crise. Antes disso, é preciso recordar que somente uma revolução social poderá nos oferecer algo além do que Bensaid (1999) definiu como o *horizonte nublado* do capital.

Decerto, representa um desafio descomunal. Podem-se discutir as suas dificuldades, mas há de se admitir que modernos, pós-modernos e pós-pós-modernos ainda não inventaram outro caminho. Fora disso, é ilusão supor-se que as crises encontrem outra solução que não seja uma solução burguesa.

De todo modo, duas questões se impõem e com elas queremos concluir esse artigo. Primeira: cedo elaborado, o mito da imortalidade do capitalismo não é outra coisa senão o que se disse: um mito. As crises são um problema estrutural desse modo de produção, embora não signifique que delas derivem inelutavelmente a morte desse regime social. Os trabalhadores, contudo, devem aproveitar esses momentos para alcançar esse intento. Em instantes como esses, as condições são mais favoráveis ao proletariado em sua luta histórica contra a dominação do capital. Ou seja: são nos momentos de crise e não de estabilidade que a questão do poder se torna mais plausível para as classes dominadas.

Segunda: as heróicas lutas dos trabalhadores europeus e as revoluções no mundo árabe parecem ganhar vida apenas para logo depois adentrar em um lugar onde se cruzam duas ou mais ruas e os sujeitos que as levam sobre os ombros se perguntam, sem obter resposta: qual o caminho a ser tomado? A nosso ver, falta um programa, falta uma direção para os janeiros, os fevereiros, os marços, os outubros que virão etc. Em suma, sem uma direção revolucionária, o que hoje é animada revolução, amanhã poderá se resumir à aspereza de um refluxo.

Nesse contexto, muitos se animam quando “os de baixo” ganham as ruas, premidos pela crise e a opressão, e derrotam ditaduras que pareciam bafejadas pela perenidade; mas os resultados imediatos à queda dos ditadores

não são os mesmos que passaram como um filme pela cabeça dos mais esperançados.

É lícito o ceticismo? É lícito, mas não convém. Estamos somente no início de um processo. É apenas o indicador de mudança. Talvez ainda não seja a mudança. Mais: o subsequente fracasso de uma revolução não a nega; apenas revela os seus limites. Ainda assim, o que mais chama a atenção é que tudo isso vem à tona na esteira de luz que acompanha a crise mais recente do capitalismo.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA Neto, Eduardo. Uma onda longa recessiva está apenas começando, in: "**Capitalismo em crise** – a natureza e dinâmica da crise econômica mundial" - Plínio de Arruda Sampaio Jr. (org.), São Paulo: Sundermann, 2009.

BENSAID, Daniel. Marx, **o intempestivo** – grandezas e misérias de uma aventura crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BRAUDEL, Fernand. **Reflexões sobre a história**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DAIX, Pierre. **Fernand Braudel** – uma biografia, Rio de Janeiro: Record, 1999.

GÓGOL, N. V. Almas mortas, São Paulo: Abril Cultural, 1972.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos** – o breve século XX (1914-1991), São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MARX, K. **O 18 brumário e cartas a Kugelman**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

_____. Para a crítica da economia política, in: **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. **Sobre as crises econômicas do capitalismo**. Daniel Romero (org.), São Paulo: Sundermann, 2009.

_____.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. in: **Obras Escolhidas**. Vol. 1, São Paulo: Editora Alfa-Ômega, S/D.